

ÍNDICE

O URSO

1. A vida é agora 11
2. O meu bem mais precioso 17
3. Três presentes em um 21
4. O abraço, a garra e o olhar 25
5. Voar contra o vento 27
6. Confio em ti 29
7. Um batom de paixão 33
8. Perguntas em frente do biombo de espelhos 37
9. A brecha e a flor 41
10. Sou único 45
11. A força das palavras 49
12. Agasalhar-te-ei quando tiveres frio 51
13. O abraço do urso 55
14. Um toque de graça 59
15. Age agora, vive agora 63

O TIGRE

1. Para lá dos mapas 69
2. O Sol sobre a minha cabeça 71
3. Os óculos opacos da queixa 75
4. Estrela fugaz! 79
5. As esfoladelas são amor 83

6. Três marcas de pegadas	85
7. A tempestade de areia	89
8. Guerreiro ou mercenário	91
9. Uma condenação merecida	95
10. Aquilo que carregas afunda-te na areia	99
11. Uma equipa invencível	103
12. A Appassionata também se ouve no deserto	107
13. Grrr!	109
14. Impossível?	111
15. O suave tecido dos turbantes	115
16. Um jardim inesperado	119
17. A pequena tâmara	123

O DRAGÃO

1. Melodias na selva	127
2. O alfinete-de-ama de prata	131
3. A subida do dragão	135
4. Liberdade	139
5. Não há cinzento no arco-íris	143
6. O céu ao alcance da mão	147
7. Para lá dos quilómetros e dos anos	149
8. O meu objetivo	153
9. Sou o ar	157
10. Regresso a Radiante	159
11. A paz entre os canos	163
12. Rugidos no biombo de espelhos	167
13. Amanhecer	169

A FILOSOFIA

Toma consciência dos teus três animais	175
O urso	176
O tigre	179
O dragão	182
O equilíbrio de poderes	185
Chama o animal de que precisares	187
As três regras	189
Tatuagem final	190

À Cristina e a Itziar,
o urso, o tigre e o dragão das nossas vidas.



O URSO

I

A VIDA É AGORA

O homem calmo chegou à alfaiataria à hora marcada. Tocou à campainha e colou o nariz à montra, para espreitar lá para dentro. Paredes de madeira, prateleiras com carrinhos de linhas colocados em fila, expositores de botões de marfim... Os manequins saudavam como embaixadores num jantar de gala. Durante décadas, aquela loja tinha sido considerada uma das mais seletas de Sombria.

Esfregou as mãos. Em Sombria havia sempre uma desagradável névoa que deixava os seus habitantes completamente encharcados, era preciso estar sempre a evitar as poças. Dizia-se que, há muito tempo, era possível ver esquilos a brincarem sobre as folhas secas do parque e borboletas azuis a esvoaçarem no meio das mãos que passeavam entre as bancas de fruta. Mas o eclipse mudou tudo. O Sol escondeu-se atrás da esfera negra de um planeta e a cidade mergulhou na escuridão e no frio. As grandes chaminés que foram construídas para aquecer

a atmosfera acabaram com as aves e as plantas, e os homens acostumaram-se a não falar na rua, para não deixarem escapar o seu calor corporal.

Relembrou mentalmente a conversa telefónica que havia tido com o alfaiate, para confirmar que não se tinha enganado no dia. Estava quase nos 70 anos, mas nunca precisara de apontar o que quer que fosse. Preparava-se para se sentar nas escadas de incêndio, quando um homem de meia-idade, com ar de ter estado a dormir a sesta, abriu o ferrolho e o convidou a entrar.

— Fui eu que liguei na segunda-feira, não sei se se lembra...

— Siga-me — atalhou o alfaiate, afivelando uma careta e tocando numa têmpora como se tivesse uma forte dor de cabeça.

Atravessaram a primeira divisão, na qual se encontravam os expositores e a caixa. Daí acederam à sala onde se tiravam as medidas. No centro erguia-se uma plataforma de um palmo de altura em frente de um biombo de espelhos. De um lado havia uma porta que dava para o pátio interior do edifício. Do outro ficava o ateliê, um habitáculo cheio de rolos de tecidos.

— Pensou no género de fato que quer? — perguntou o alfaiate, que se esforçava por ser cordial, embora soasse exausto. — Posso aconselhá-lo, mas tem de me dizer se é para um evento ou para ir trabalhar.

O homem calmo quis acreditar que, se fazia um esforço tão grande para sorrir, era porque acabara de picar um dedo com um alfinete.

— Só quero estar elegante — respondeu.

Então, o alfaiate colocou sobre o balcão um catálogo de retalhos com uma ampla gama de cinzentos, a única cor usada em Sombria. De entre eles, o cliente escolheu uma lã fria. Em

seguida aproximaram-se de um suporte com vários cabides e reviram os modelos que melhor podiam encaixar na sua anatomia. Com dobras, sem dobras; com lapela larga, lapela estreita... Quando escolheu um, o alfaiate pediu-lhe para se enfiar num casaco e numas calças de manequim e fê-lo subir à plataforma, onde começou a tirar-lhe um sem-fim de medidas que ia anotando numa quadrícula.

O homem calmo tinha esperado uma sessão muito mais pausada. Para ele, ir a uma alfaiataria era como receber uma massagem relaxante. Desfrutava com cada pequena fase do protocolo, como escolher o tecido do forro ou os caracteres para as suas iniciais no bolso de dentro. Mas aquele alfaiate parecia querer terminar o mais depressa possível. Não é que fosse desagradável com ele, mas mostrava-se ausente, como se a sua cabeça estivesse noutra sítio enquanto as mãos — claramente experientes — repetiam padrões de forma mecânica, sem muita delicadeza.

— É como se estivesse a tirar-me uma radiografia — disse, tentando promover outro ambiente.

— É preciso medi-lo todo porque tem um ombro mais descaído do que o outro.

Ia dar um ponto sem largar a folha na qual continuava a escrever as suas notas e, então sim, picou um dedo e lançou um impropério, amaldiçoando o seu próprio trabalho. Foi uma explosão desproporcionada. Exagerada, mesmo se tivesse cortado um braço.

O homem calmo ficou calado.

O alfaiate deixou cair a folha, que desapareceu de cena a planar, e sentou-se no chão com a cabeça baixa.

O homem calmo ia perguntar-lhe se estava bem, mas era evidente que não estava. Nem sequer conseguia erguer o olhar, como se tivesse vergonha de contemplar as imagens de si próprio que o biombo de espelhos lhe devolvia. Esperou uns segundos antes de descer da plataforma e sentar-se ao seu lado, estendendo-lhe a mão.

— Ainda não me disse o seu nome.

— Gabriel — apresentou-se o alfaiate, comovido com aquele gesto de ternura. — Peço desculpa, não estou no meu melhor dia.

— Posso regressar amanhã...

— Não! — interrompeu-o, apercebendo-se imediatamente de que tinha sido muito brusco. — Queria dizer que não posso perder tempo.

O mecanismo de um relógio de cuco fez soar cinco vezes o gongo, confirmando que a tarde já estava no fim. Um autómato com chapéu de guizos apareceu para o cumprimentar.

— Veja só — apontou o homem calmo —, até aquele bobo da corte se ri de nós. Passamos o dia a correr atrás de um ponteiro dos segundos que nunca para, como se a vida fosse algo que está à nossa espera mais à frente.

— A vida? Esqueci-me do que isso é.

— A vida é agora. O toque deste tecido, cada batimento do nosso coração.

— A dor... — acrescentou Gabriel, parando para observar o dedo no qual se tinha picado. Apertou a ponta e formou-se uma gotinha de sangue. — É sempre a mesma coisa.

— Não diga isso. É um homem novo e bem-parecido. Tenho a certeza de que, independentemente do que estiver a passar-se consigo, é apenas uma maré de azar.

— Uma maré de azar demasiadamente longa...

— Pelo menos tem uma loja consolidada de segunda geração — tentou animá-lo o homem calmo.

Gabriel respirou fundo de forma entrecortada e, deixando-se embalar pela voz daquele desconhecido, abriu-se a ele sem tirar os olhos do chão.

— É esse o problema. Estava tudo a correr sobre rodas até que, quando o meu pai morreu, fiquei à frente da alfaiataria. Derramei tanto suor entre estas quatro paredes que deveriam estar cheias de bolor, mas o negócio está a afundar-se e a arrastar-me com ele para o fundo. Eu antes não era assim, acredite. Mas agora sinto-me perdido. E o pior de tudo é que este desgosto se estendeu ao meu casamento. Há semanas que ando a dormir num colchão no chão deste minúsculo ateliê, sem ver a minha mulher nem a minha filha.

— E porque faz isso?

Gabriel enxugou uma lágrima com as costas da mão.

— Peço desculpa, não sei porque estou a contar-lhe tudo isto.

O homem calmo pegou na folha com as medidas que estava no chão, apontou algo na parte de trás e entregou-lha.

— Quero que venha a esta morada na próxima terça-feira, às 11h da manhã.

— Para entregar o fato?

— Não. No dia anterior mando alguém vir buscá-lo.

— Então...?

— Tenho uma coisa para si que vai mudar tudo para sempre.

2

O MEU BEM MAIS PRECIOSO

Gabriel passou a semana toda a pensar no encontro. Depois de ter dado mil voltas à inesperada oferta do seu cliente, continuava igualmente desconcertado. Será que existia mesmo um elixir capaz de mudar tudo?

Quando chegou o dia e desceu do elétrico no local indicado, esboçou um esgar de estranheza. Era uma pequena igreja enfiada entre dois edifícios, com um vitral circular. O tijolo estava escurecido pela humidade. Através da porta entreaberta, uma melodia de órgão chegava até à rua.

Olhou de novo para a folha com os dados do encontro. Era ali, não havia dúvida. Entrou devagar, intimidado por se encontrar num lugar sagrado. Ultimamente, sentia-se tão desprezível que não julgava merecer qualquer ajuda, e muito menos vinda do Além. Porém, tinha comparecido à chamada do homem calmo. A sua misteriosa oferta intrigava-o, mas sentia sobretudo que podia chegar a ser seu amigo.

Havia apenas um punhado de pessoas espalhadas pelos bancos, mas nenhuma era ele. Ao fundo do corredor central viu um féretro. Estavam a officiar um funeral. Começou a pensar se aquela história do encontro não tinha passado de uma brincadeira macabra.

Aproximou-se devagar. O caixão estava aberto, rodeado por coroas de flores de plástico (a falta de luz solar que o eclipse provocava tinha exterminado as pétalas de Sombria). Tinha vergonha de espreitar, mas, ao mesmo tempo, sentia que estava a ser puxado por algo que não conseguia explicar.

Reconheceu o tecido de imediato.

O morto envergava o fato que tinha feito para o homem calmo.
— Meu Deus...

O morto era o homem calmo.

Então, o órgão de tubos orquestrou o momento com um acorde em sol menor, que lhe provocou um estremeamento.

Como era possível? Tinham passado apenas sete dias desde a conversa em frente do biombo de espelhos. Lembrava-se da sua voz acariciante, da sua elegância, da atitude terna que teve para com ele quando entrou pela porta da alfaiataria. Tentou reproduzir a conversa, mas custava-lhe encontrar as palavras. Devia ter-lhe prestado mais atenção...! Foi-se abaixo ao pensar que nem sequer chegara a oferecer-lhe um chá.

Estava nervoso, não sabia o que fazer. Tirou um batom para o cieiro que levava sempre no bolso e espalhou-o pelos lábios secos, tentando ocupar a sua mente com alguma coisa para manter a compostura. Nesse momento, um jovem com *blazer* e gravata aproximou-se dele por trás. Ao sentir a sua presença foi invadido por um calafrio.

— Não o queria assustar — desculpou-se. — O senhor deve ser o Gabriel, o alfaiate.

— Quem é você? E como sabe o meu nome?

— O meu chefe deixou instruções precisas.

— Não estou a perceber nada — contrapôs, sem conseguir tirar os olhos do defunto.

— Talvez isto o esclareça.

O jovem entregou-lhe um envelope. Lá dentro estava uma carta. Não havia a menor dúvida de que tinha sido escrita pelo seu cliente. Era a mesma letra manuscrita da folha onde apontara a morada.

Começou a lê-la ali mesmo, ao pé do caixão.

Caro Gabriel:

No outro dia dizia-lhe que a vida é aquilo que nos está a acontecer neste instante, cada batimento do nosso coração. Sei que, quando ler estas linhas, o meu terá deixado de funcionar.

Não se lamente por mim, não tenho medo. Tentei estar à altura e viver com plenitude cada minuto, tanto os bons como os maus. Já reparou que as lápides do cemitério de Sombria não têm data? Isso acontece porque os falecidos não viveram a sério nem um único dia, é como se não tivessem passado por aqui. Garanto-lhe que a minha terá uma inscrição bem comprida, e sei que o Gabriel também o vai conseguir. Não permita que o bobo da corte do relógio de cuco continue a apressá-lo. Tenho a certeza de que saberá tecer um futuro maravilhoso com a calma que essa tarefa merece.

Peço-lhe que acompanhe o meu assistente até onde ele lhe indicar. Ele entregará-lhe o meu bem mais precioso.

Com os meus melhores desejos,

um cliente satisfeito

Custava-lhe acreditar que estivesse a viver aquilo. Mas o fato era real, tratava-se do mesmo tecido que tinha cortado com a sua tesoura; aquela expressão de paz era real, de repente congelada como tudo o resto em Sombria.

— Do que se trata tudo isto? — conseguiu dizer.

— Temos de ir — ouviu o assistente.

Lançou um último olhar ao homem calmo. «Só quero estar elegante», dissera-lhe no dia em que se haviam conhecido.

O meu bem mais precioso, voltou a ler na nota.

Suspirou e começou a andar atrás do jovem em direção à rua.

3

TRÊS PRESENTES EM UM

O assistente conduziu em silêncio pela periferia de Sombria. Os candeeiros públicos encurvavam-se com o peso do céu, de tão plúmbeo que estava. Atravessaram uma zona residencial de prédios de cimento, com pequenas janelas herméticas que se fechavam à passagem da névoa. Deixaram para trás uma zona industrial coberta por uma nuvem de fumo preto e meteram-se no ermo que rodeava a cidade uma desolada planície salpicada de ruínas.

Gabriel olhava inquieto pela janela. Nunca se tinha afastado tanto do centro. Preparava-se para pedir ao seu improvisado motorista que desse meia-volta, quando chegaram a uma casa senhorial, com colunas à entrada e grandes janelas a poente. Era evidente que tinha sido construída quando havia entardeceres, antes de o Sol se ter eclipsado para sempre. Gabriel ficou surpreendido por ver que ainda restava um edifício como aquele, de um belo mármore branco, a erguer-se sobre aquela terra tão negra que parecia queimada.

— O meu chefe comprou-a ao regressar das suas viagens e dedicou-se a restaurá-la — informou-o o assistente enquanto saíam do carro.

— Que viagens?

— Era astrónomo, por isso precisava de encontrar lugares donde pudesse contemplar a abóbada celeste com clareza.

— Duvido que exista algum sítio assim em toda a Sombria.

— Por isso é que ele viajou para lá da fronteira.

— Permita-me que tenha as minhas dúvidas — respondeu Gabriel. — Quem é que havia de se arriscar a ir mais longe? Como dizia o meu pai, pelo menos aqui conhecemos as poças que pisamos.

Se havia vida para lá de Sombria, a verdade é que não era mencionada nos livros da escola nem nos desanimadores telejornais. Os habitantes da cidade ignoravam de tal modo essa possibilidade que bem se podia afirmar que não existia.

O assistente abriu a porta do palacete. O interior cheirava às tintas que cobriam as paredes. As divisões estavam repletas de esculturas, tapetes de seda, tapeçarias, móveis de mogno e até um piano de cauda, e estavam iluminadas por lustres.

— Não sabia que os astrónomos ganhavam tanto dinheiro — murmurou Gabriel com os olhos esbugalhados.

— O meu chefe dizia que quando olhamos para lá das nuvens, onde nos esperam um milhão de sóis e estrelas, tudo é possível.

O alfaiate pensou que a única luz que iluminava a sua vida era a dos relâmpagos da tempestade que o acompanhava para todo o lado.

Perguntava-se qual daquelas obras de arte lhe teria legado o homem calmo. Sendo o seu bem mais precioso, como dizia

a carta, devia tratar-se de algo valiosíssimo. Nunca tinha sido uma pessoa ambiciosa, mas sentia-se tão desesperado que não via o momento de pegar no seu presente e sair disparado para vendê-lo num antiquário.

— Peço desculpa por ser tão direto — lançou por fim, ultrapassando a vergonha. — Pode dizer-me o que foi que ele me deixou?

— Não sabe?

— Só me disse que é uma coisa que vai mudar tudo para sempre.

O simples facto de pronunciar essa frase produziu-lhe um calafrio de emoção.

— Porque não tenta adivinhar?

— Talvez seja algum dos quadros...? — Gabriel entrou no jogo, apontando para a enorme pintura de uma batalha naval.

O assistente negou com a cabeça.

— Esses vão parar a uma fundação, tal como as esculturas.

— Um dos móveis?

Voltou a negar.

— Vão ficar todos na casa, que se converterá numa biblioteca pública. — Apontou para uma divisão com prateleiras do chão até ao teto. — Ali dentro há milhares de livros para aprender a olhar para o Universo.

— Não será dinheiro?

— O que havia nas contas bancárias foi distribuído por uns familiares afastados.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Então?

— São três presentes em um — acalmou-o o jovem, aumentando o nível de expetição. — Venha comigo até lá fora.

Foram para o pátio traseiro. De repente ouviu um alvoroço brutal. Vinha de uma pequena casa situada ao fundo. Não queria acreditar no que viu, quando o assistente empurrou a porta de correr e acendeu o candeeiro.

Três jaulas enormes.

Numa delas havia um urso, na segunda um tigre e na última um dragão.